



03.09 > 03.11.2018

Antonio Dias: Tazibao e outras obras

Paulo Sergio Duarte

Toda grande obra de arte se apresenta como um problema, não como uma solução. A obra de Antonio Dias não foge à regra, temos que enfrentá-la. Antes de tudo como conhecimento, aquele que não é religioso, nem científico, mas conhecimento artístico. E é disso que se foge hoje, com frequência, na arte contemporânea. O artista, ao contrário, o enfrenta, se confronta com ele e nos apresenta diante dos olhos, sem nenhuma condescendência.

Essa exposição, que se abre em agosto de 2018, na Galeria Nara Roesler de São Paulo, apresenta um pequeno resumo da obra de Antonio Dias desde 1968 até obras recentes. Estão ausentes as obras contundentes de 1964 a 1967, que abriram a carreira do artista, que puderam ser vistas na recente exposição *Entre construção e apropriação – Antonio Dias, Geraldo de Barros e Rubens Gerchman nos anos 60*, com curadoria de João Bandeira, no SESC Pinheiros, em São Paulo.

Aqui, agora, toda a potência poética e os desdobramentos desse trabalho podem ser observados de *Black Mirror*, 1968 e *Arid*, 1969, até obras de 2013. É um conjunto que, apesar de resumido, mostra as transformações da investigação de Dias, tendo como centro de gravidade a pintura, mas, deve-se lembrar que essa experiência se dilata por diversos campos, esculturas, objetos, instalações, vídeos (filmes), videoinstalações, até um disco LP: *Record: The Space Between*, 1972. Essa dispersão não prejudica o pensamento porque há, em cada momento, uma formidável unidade do método. Trata-se de um artista reflexivo, aquele que pensa muito antes de fazer, não sai atirando para todo lado para ver o que vai dar certo. Aqui observamos uma manifestação radical sobre o objeto de arte em *Black Mirror* e, simultaneamente, uma das pioneiras experiências no campo da interação entre pintura e linguagem na arte conceitual, em *Arid*. Não cabe aqui, nesse texto, ficar me estendendo sobre a obra de um artista sobre o qual escrevo desde 1973.

É importante destacar a presença de uma obra inédita no Brasil. *Ta Tze Bao*, 1972¹. O *Ta Tze Bao* apresentado, em 1978, no Núcleo de Arte Contemporânea da Universidade Federal da Paraíba, em 1978, é uma versão interessante, mas seca, objeto de uma publicação da universidade, bem diferente dessa agora, plasticamente muito mais rica e generosa e, não menos radical.

Em *Tazibao*, o artista mais uma vez enfrenta o problema entre arte e política de modo inteligente e privilegiado para quem for capaz de fruí-lo. Trata-se, como sempre na sua obra, de uma fruição com reflexão. É preciso pensar no que se está vendo – é a contrapartida do público ao esforço do artista. *Tazibao* foram jornais murais chineses surgidos nas paredes das cidades na China há muito tempo; já no início do século XX existiam essas manifestações. Mas, a partir de 1966, eles começaram a aparecer como uma dissidência à esquerda do Partido Comunista da China, a luta contra os “revisionistas”. Era o início da chamada Revolução Cultural. Foi nesse momento que a palavra *Tazibao* circulou no Ocidente. Ninguém sabia de fato o que se passava na China. Para nós, jovens ocidentais de classe média esclarecida, parecia uma grande transformação, a obrigação do intelectual se vincular ao trabalho efetivo, por essa razão apareceram as diversas organizações maoístas dissidentes dos soviéticos e, mesmo, dos trotskistas. *Tazibao* era a eloquente gráfica da Revolução Cultural.

Antonio vai pegar a palavra *Tazibao* para título de seus trabalhos sobre o escândalo do Watergate. Acredito que todos saibam do que se trata: culminou com a renúncia do presidente Nixon para evitar o impeachment durante sua campanha para a reeleição. O escândalo do Watergate culminou no sábado, 17 de junho de 1972, com a prisão pelo FBI de cinco pessoas. O papel da imprensa livre numa democracia foi um dos atestados determinantes nesse evento. Dois repórteres do *Washington Post* investigaram a invasão dos republicanos nos quartéis-generais dos democratas roubando informações, e posteriormente diversos jornais nos Estados Unidos e no mundo estamparam nas primeiras páginas o escândalo. *Tazibao* era o jornal por excelência da imprensa para a esquerda radical; se era livre ou não, pouco importava, o importante era depor os “revisionistas”, aqueles que divergiam do pensamento do camarada Mao. Para Antonio Dias era o Watergate.

O artista realiza um trabalho duplamente inteligente e radical. Vamos ver por quê. Em primeiro lugar se aproveita do *ready made* à moda pop como nunca havia feito antes: transpõe as primeiras páginas de dois jornais – do *New York Times* e do *Corriere della Sera* – tal como apareciam durante uma semana de novembro de 1972. Até aí nenhuma novidade. Andy Warhol havia feito isso dez anos antes com a irmã da rainha, a princesa Margareth, em *A boy for Meg*, 1962. Na primeira série de *Tazibao*, são aquelas pequenas cirurgias, intervêm sobre a página, numa série que delimita com vermelho as áreas da notícia em cada jornal, aquela exibida e publicada em 1978. Já vai aí uma inteligência. Aqui não, na que temos agora, no mesmo ano, 1972, nessa série inédita vai mais longe

1. Antonio Dias adota uma das muitas transcrições existentes, na época, dos ideogramas chineses para o alfabeto latino: Ta Tze Bao. Aqui estou usando a transcrição normatizada para língua inglesa nos dias atuais.

plasticamente. Avança sobre a arte conceitual e banha todas as páginas em vermelho e, mais, as desdobra, tudo vermelho. Destaca as áreas das notícias, as recorta sobre tecido pintado de vermelho na exata equivalência e as pendura sob cada página de cada *New York Times* e *Corriere della Sera*. Esse balanço das áreas vermelhas superiores e dos pequenos recortes inferiores não é gratuito, ele vigora sobre a relação política da importância de uma notícia e a primeira página do jornal. Isso, na época das mídias sociais parece muito velho, mas ainda não é; todo dia estamos marcados pelos nossos *Tazibao* eletrônicos que nos imprimem com suas urgências. O *Tazibao* de Antonio Dias, em papel, é atualíssimo.

Seu marido vai tremer para mostrar que nem tudo é vermelho e jornal mural, há espaço para o humor e ironia, como sempre na arte desse artista maior.

Rio de Janeiro, 25 de maio de 2018.

Post Scriptum: Antonio Dias morreu em 1º de agosto passado, quando esse texto já estava pronto. A arte contemporânea ficou mais pobre e eu perdi um dos meus melhores amigos.

Rio de Janeiro, 12 de agosto de 2018.

Paulo Sergio Duarte (n. 1946, João Pessoa, PA) é crítico, historiador e professor de arte. Estudou Filosofia na Universidade Federal do Rio de Janeiro e Ciências Sociais na Universidade Católica do Rio de Janeiro. Em 1969, mudou-se para Paris onde morou até 1978 e estudou na Universidade de Paris VII e na École des Hautes Études en Sciences Sociales. Seu primeiro texto sobre arte contemporânea foi publicado em 1973, na *Art Press*, n. 6, sobre o trabalho de Antonio Dias. Além de suas atividades docentes, publicou muitos artigos e ensaios sobre a arte moderna e contemporânea, dirigiu programas educacionais e culturais para o governo federal, estadual e municipal no Rio de Janeiro e foi curador de exposições no Brasil, dentre elas a 5ª Bienal do Arte do Mercosul em 2005 e o programa Rumos Itaú Cultural 2008-2009.



09.03 > 11.03.2018

Antonio Dias - Tazibao and other works

Paulo Sergio Duarte

Every great work of art presents itself as a problem, not a solution. The work of Antonio Dias is no exception, and it has to be confronted. Confronted first, that is, as knowledge, neither religious nor scientific, but artistic. And that is precisely what contemporary art so often flees from today. Dias, on the other hand, faces it, wrangles with it, and stands before us, without any condescension.

This exhibition, which opens in September 2018 at Galeria Nara Roesler, São Paulo, presents a brief sampling of Antonio Dias' artistic production since 1968. His early works, from 1964 to 67, are therefore absent, having recently been seen in the exhibition *Entre construção e apropriação – Antonio Dias, Geraldo de Barros e Rubens Gerchman nos anos 60* (Between Construction and Appropriation—Antonio Dias, Geraldo de Barros and Rubens Gerchman in the 1960s), curated by João Bandeira at SESC Pinheiros, also in São Paulo.

Here, now, from *Black Mirror* (1968) and *Arid* (1969) down to recent works from 2013, the poetic potency and developments of his art can be fully grasped. It's a collection that, however summarized, reveals the transformations Dias' investigations underwent, and though it takes painting as its center of gravity, those transformations played out also in various other fields, including sculpture, objects, installations, videos (films), video-installations and even an LP: *Record: The Space Between*, 1972. This dispersion in no way detracts from the artist's thought, because at each and every turn there is a formidable unity of method. Dias is a reflective artist, the kind who thinks hard before acting, rather than flailing about to see what works. Here, in *Black Mirror*, we have a radical stance on the object of art alongside *Arid*, a pioneering experiment in the interaction between painting and language in conceptual art. However, here is neither the place nor the time for me to discourse at length on the work of an artist I have been writing about since 1973.

Crucial, however, is the presence of a piece being exhibited in Brazil for the first time. *Ta Tze Bao*, 1972¹. The *Ta Tze Bao* presented at the Federal University of Paraíba's Center for Contemporary Art in 1978 is an interesting but somewhat dry version, created for a university publication, nothing like this version, which is visually much richer and more generous, yet no less radical.

In *Tazibao*, the artist once again wrestles with the problem of art and politics in a manner that is, for those who can appreciate it, intelligent and privileged. As always in his work, this piece is accessible only through reflection. You have to think about what you're seeing—that's the counterpart the viewer owes to the artist's effort. *Tazibao* were "big-character" wall posters used as a form of protest in China, especially in the early 20th Century. In 1966, they started to feature as an expression of far-left dissidence within the Communist Party of China in the fight against the "revisionists". It was the beginning of the so-called Cultural Revolution. It was under this context that the word *Tazibao* (or *Dazibao*) reached the West. Nobody really knew what was going on in China. For educated middle-class westerners like us, it seemed a tremendous transformation was in course that obliged the intellectual to roll up his sleeves. Hence the various Maoist organizations that arose in dissidence to the Soviets and even the Trotskyists. *Tazibao* was the Cultural Revolution's eloquent graphic rallying cry.

Antonio adopted the word *Tazibao* as the title for his works on the Watergate scandal. I believe everyone will have heard of it: it was the sequence of events that culminated in President Nixon's resignation in order to avoid impeachment during his re-election campaign. Watergate was triggered on Saturday, June 17, 1972, when five men with links to the Republican Party were arrested while breaking into and attempting to bug the Democratic National Committee headquarters. The role the free press plays in a democracy was one of the lasting lessons learned from the scandal. Two reporters from *The Washington Post* investigated the break-in and the story was picked up by other leading newspapers in the US and abroad, becoming front-page news. *Tazibao* were the mouthpiece of the radical left par excellence. Whether they were free or not is another matter, but their goal was to oust the "revisionists", those who did not share the thinking of Chairman Mao. For Antonio Dias, it was Watergate.

In this, the artist produced a work that was doubly intelligent and radical. We shall see why. First, in the best pop tradition, it harnessed the *readymade* in a manner Dias never had before, appropriating the front pages of two newspapers — *The New York Times* and *Corriere della Sera* — exactly as they appeared in a given week in November 1972. So far, so normal. Andy Warhol had done that ten years earlier with the Queen's sister, Princess Margaret, in *A boy for Meg*, 1962. In the first *Tazibao* series, we see the artist's careful surgical interventions, precisely masking in red the columns of an article as they appeared in newsprint. There's the intelligence. But here,

1. Antonio Dias adopts one of the many transcriptions from the Chinese ideograms to the Latin alphabet: Ta The Bao. Here I am using the current English transcription.

in the work as yet unseen in Brazil, Dias goes much farther plastically. Here, he rides out against conceptual art, bathing the whole page, and its breadth again, in red. He then maps the columns of the target story and replicates their precise shapes in cut-out cloth, steeped in red paint, and hangs them under their respective pages from *The New York Times* and *Corriere della Sera*. The balancing of the redwash above and the snippets below is not gratuitous, but holds very clearly on the political relation between the importance of a story and the front page of a newspaper. In the days of the social media that might seem rather old-hat, but it is not; not yet: our days are marked by the electronic *Tazibao* that impress their urgencies upon us. As such, Antonio Dias' paper *Tazibao* could not be more current.

Seu marido (Your Husband) will shudder to show that not everything in this exhibition is red and postery. There's space for humor and irony too, as there always is in the work of this major artist.

Rio de Janeiro, May 25, 2018.

Post Scriptum: Antonio Dias died on August 1 2018, when this text was already written. Contemporary art has lost one its leading lights, and I, one of my very best friends.

Rio de Janeiro, August 12, 2018.

Paulo Sergio Duarte (b. 1946, João Pessoa, PA) is an art critic, historian and professor. He studied Philosophy at the Federal University of Rio de Janeiro and Social Sciences at the Catholic University of Rio de Janeiro. In 1969, he moved to Paris where he lived through 1978 and studied at the University of Paris VII and at the École des Hautes Études en Sciences Sociales. His first essay on contemporary art was published in 1973 in *Art Press*, n. 6, about the Antonio Dias' work. In addition to his teaching activities, he published many articles and essays on modern and contemporary art, directed educational and cultural programs for Rio de Janeiro's federal state and municipal government and curated exhibitions in Brazil, including the 5th Art Biennial of Mercosur in 2005 and the Rumos Itaú Cultural 2008-2009 program.